2.ª SERIE TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 22. QUINTA FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

261 Ha annos ao dirigirmo-nos varias vezes para as visinhanças da Cathedral, vimos pregado em um dos andares da caza, denominada do Aljube, um rotulo em que se liam estas palavras — *Sociedade dos Artistas Lisbonenses.* — E lembrando-nos que essa casa tinha sido uma prisão, para nós mesmo diziamos — que um grande pensamento estava consignado nessa inscripção, mas que devêra estar preso a varios obstaculos por quanto não conheciamos os seus resultados.

No dia 1 do corrente, recebemos um convite para assistir ao anniversario do decimo segundo anno da *Sociedade dos Artistas Lisbonenses*

Recebemos com prazer estas boas novas, como se fossem de um amigo antigo, que não vissemos ha muito. Na épocha, a que nos referimos ao começar este artigo, o nosso pensamento se havia associado muitas vezes ao nome desta Sociedade; mas julgavamos que a grande idéa, que o titulo representava, pouco mais seria do que um nome.

O convite continha essas partes que mais nos despertaram a attenção.

Os Socios — os artistas — celebrariam o fausto dia do anniversario da sua Sociedade, com provas do seu estudo litterario, e o fim do festejo seria uma offerta voluntaria dos concorrentes para soccorrer os orphãos que a Sociedade educa, as viuvas que subsidia, e os invalidos que sustenta.

O convite foi por tanto para nós o programma de uma festa nova, e que só pessoalmente se podia avaliar.

Chegando a noite do dia 3, dirigimo-nos para a casa da Sociedade, e o som de uma boa orchestra nos guiou para a sala das sessões.

Eram talvez duzentas as pessoas que ahi encontrámos, e entre ellas reconhecemos muitos dos mais accreditados nomes, que honram o trabalho nacional.

As salas estavam primorosamente armadas, as flôres em profusão, pareciam com as suas cores viçosas e variados perfumes, revelar a fé e o prazer que dominavam todos os concorrentes.

Um dos mais distinctos operarios de Lisboa, estava sentado na cadeira da presidencia. Chegavamos no momento, em que se principiava a solemnidade, que mui gostosamente iremos descrever. Havemos de ser tão francos, e até mui rigorosamente severos na exposição do que pensamos ácerca das diversas consequencias deste facto, que para louvarmos só nos basta fazer por imitar o pintor que póde surprehender os campos, os rios, e o céu na magestosa simplicidade, que para maravilhar só precisa que a téla seja um espelho.

O Sr. *Chaves*, Presidente da Sociedade, é um talento exercitado com proveito nos recursos da mechanica, e nas suas praticas applicações. A sua physionomia falla por elle — é o homem que pensa, e que tem callejado as mãos na execução das proprias idéas.

O bom conceito, que a sua presença inspira, foi provado em toda a sessão. Regosijámo-nos vêl-o tão senhor de si, levantar-se para fallar ante um concurso numeroso, como alguns mezes antes o haviamos visto na sua officina curvado ao pé do torno, com os olhos pregados no ferro que trabalhava.

As palavras, que precederam o seu discurso,

eram a expressão de uma verdadeira modestia, e de um juizo seguro, que só por fatalidade se poderia perder no caminho dos verdadeiros e generosos fins da Sociedade, a que tão dignamente preside.

Em seguida leu o discurso, que nós ao diante publicamos, e no qual se verá como o operario intelligente e conhecedor da sua missão, falla a seus irmãos uma linguagem eloquente, porque é verdadeira, e bella, porque não arma laços ao espirito pela phantasmagorica appresentação de falsas idéas, nem pelo escondido intento de fins reservados.

Esse discurso é o que estava na alma do Sr. *Chaves* — é o que estava no coração dos que o escutavam, por que nós vimos as exclamações de adhesão sahirem espontaneas e unisonas de todos os labios, por que nós vimos as familias dos Socios saudarem com lagrimas a verdade, quando na sua maior simplicidade o distincto operario previne aos seus irmãos, quando lhes dizia — A Associação é soccorrermos ha annos um irmão invalido gastando com elle uma somma, que o trabalho de nenhum de nós ainda não juntou, que nunca poderá juntar. — A Associação, é havermos soccorrido a viuva de um vosso Socio com uma somma, que seu marido não poderia ter economisado para lhe legar do pobre leito da morte.

Como o discurso que resume a historia da Sociedade, se encontra hoje nas paginas da REVISTA — para um justo louvor, só nos basta dizer que nem só com geraes approvações foi interrompido, mas tambem o foi pela emoção de quem o proferia, e pelo sentimento que aquellas verdades accordavam no coração, para orvalhar com lagrimas as flores, que pareciam desabrochar á luz da charidade do Evangelho.

Estudavamos attentos o auditorio e parecia-nos lêr em todos os olhos o que estava em todos os corações. Era aquelle um espectaculo novo — essas physionomias contrahidas pela inveja — mascaradas com o sorriso satanico do despeito que figuram na reunião de tantas Sociedades mais ou menos academicas — nem por leve sombra appareceram nesta. Em toda a sessão, a gloria do Socio que orava, era o desejo, o pensamento de todos sem uma só excepção: e quando as palmas do triumpho cahiam sobre a fronte do que acabava de fallar, todos as saudavam como se a cada um pertencessem. Entre os assistentes havia um Socio, que attentamente seguiu o discurso do presidente com tanto interesse, como um pae póde seguir o filho, enlevo de todos os seus cuidados, nos primeiros passos que dá fóra do alcance dos seus braços. Quando esse Socio se levantou para mandar para a mesa um papel que a sua vista lhe não permettia lêr, as suas poucas palavras deram a conhecer o que não sabiamos, e que os seus olhos, a innundarem-se de lagrimas e de jubilo, nos tinham já estado a dizer sem nós os comprehendermos — esse socio era o fundador da sociedade. — Ha regosijos que matam — o que se estava a mostrar no gesto deste Socio fazia comprehender esta verdade. — Não esqueceremos nunca a expressão com que disse: — Eu esperava este dia para entregar aos meus consocios a historia desta Sociedade até ao dia da sua fundação; offereço-lha como um documento que lhe póde ser util. — O Socio poderia acrescentar que esse documento é a historia de uma idéa, que vive pela sua maxima utilidade, que triumpha pela abnegação de quem a representa, e que se converte em um facto de grande importancia, por que ainda ha na Sociedade uma classe que, ao cabo de 12 annos, não esquece a gratidão que a outros não lembra, ao cabo de 12 horas; e por que não rodearam o zeloso fundador, não havia um só Socio que não o estivesse respeitando, como sendo o que houvera plantado o tenro arbusto, que ora convertido em frondosa arvore, os estava abrigando a todos, bem como suas familias, da inconstancia da fortuna.

O Sr. *Alexandre Fernandes da Fonseca* fallou uma linguagem singella, mas repassada pela fé intima no principio civilisador e christão, que serve de base á *Sociedade dos Artistas*, e pela esperança de que os Socios seguirão o systema que ha 12 annos os tem conservado unidos e com tão grande augmento nos meios de que podem dispor, não sendo convertidos, nem trocados por outros que, apesar das mais seductoras promessas, não são abonados pelos factos.

Foi geral o enthusiasmo e a approvação quando o illustre fundador invocando a lei que tinha levado a Sociedade á brilhante situação em que a viam, pareceu resumir todas as suas bem pensadas advertencias em lhe dizer: — esta lei tem 12 annos de prospera existencia em seu favor — a educação dos orphãos, o subsidio das viuvas, e o sustento dos invalidos, tudo é obra dessa lei que deve continuar a ser o vosso guia no futuro. — Ao Sr. *Fonseca* seguiu-se o Sr. *Carmo*, que em uma curta e judiciosa apologia do trabalho enlaçou flores bellas, de uma eloquencia

natural e espontanea, com as mais acertadas idéas sobre os verdadeiros fins da Sociedade. O Sr. *Gonçalves*, considerando o homem em relação ao principio da Associação, concludentemente demonstrou, que o operario só pela Associação se poderia educar e salvar da miseria a sua familia. Os discursos destes dois Socios, varias vezes foram interrompidos pela geral e enthusiasmada approvação.

Depois um dos Socios mais moços, o Sr. *José Maria da Silva*, se levantou, e com a voz impressionada pela emoção de fallar ante um tão numeroso auditorio, no seu bem sentido discurso commemorativo, mais de uma vez invocou o nome do artista fundador da Sociedade. Este preito, que era como o echo do sentimento de gratidão, que estava na alma de todos, foi sempre ouvido com o maior enthusiasmo.

O Sr. *Araujo* fallou depois, e com uma dicção facil, e logicamente deduzida, saudou o dia glorioso para os artistas de Lisboa, em que descobriram aos olhos do publico a sua obra de 12 annos em um estado florescente, e como nenhuma outra sociedade se poderá appresentar.

O Sr. *Leoni* (*Joaquim*), levantando-se, pediu ao Presidente que fizesse lêr o artigo dos Estatutos, que determinava a qualificação precisa para ser Socio. Tendo lido, que é mister ser artista, o Sr. *Leoni*, partindo destas simples palavras, recitou um discurso que se póde considerar um bello fragmento litterario. — O trabalho neste discurso era uma missão de Deus, e uma parte da divindade — em varios pontos, onde o desenvolvimento desta idéa deixava um quadro mais formoso, o Sr. *Leoni* exclamava, acompanhado pela commoção geral — Salve santa religião do trabalho. — Chegando-se do leito da morte, mostrou que o ultimo adeus era menos saudoso — era menos triste, se o operario podia legar a sua familia os fructos do principio da Associação.

O final deste discurso foram as lagrimas, que suffocaram o Socio, que fallando do trabalho era operario, que fallando da morte era viuvo de poucos mezes.

A eloquencia da verdade sente-se mais do que se descreve.

O discurso do Sr. *Leoni* ficará bem comprehendido com a menção destes factos.

O Sr. *Vieira Junior*, operario, de quem nós denunciámos os primeiros trabalhos, fallou por parte do *Ecco dos Operarios*.

Dissemos que haviamos de ser francos, não deixaremos de o ser. — Parte das opiniões do *Ecco dos Operarios* não são as nossas; mas a maxima parte do que as pennas dos operarios tem escripto nesse jornal, são titulos de muita honra para a classe laboriosa, e provam um novo amor pelo estudo, e um zelo não vulgar pelo progresso de todas as artes. — Respeitamos as opiniões dos redactores desse jornal — fazemos inteira justiça á boa fé com que escrevem — mas o nosso dever obriga-nos a esta declaração: o Sr. *Vieira* soube comprehender a sua missão perante a *Sociedade dos Artistas*, e se o jornal fosse sempre o ecco daquellas idéas, estariamos sempre concordes com elle.

Publicâmos o Discurso do Sr. *Vieira*, para que, nas paginas da REVISTA, este seu trabalho de hoje se possa comparar com os seus primeiros artigos aqui publicados.

O Sr. *Brandão* tambem fallou, como redactor do *Ecco* — conduziu mui convenientemente o seu discurso ás conclusões das doutrinas que defende, e ainda que no meio de realisar essa conclusão poderemos não concordar com o Sr. *Brandão*, devemos fazer-lhe justiça, declarando que se não póde ser mais prudente do que o Sr. *Brandão*, que se mostrou incapaz de offender, nem remotamente, nenhuma conveniencia, nem nenhuma opinião, que não seja a sua.

O socio, o Sr. *João José dos Santos*, fez mui judiciosas e philosophicas reflexões sobre os principaes artigos dos Estatutos, em relação á moral e á honrosa vida do trabalho.

O Sr. *Lopes de Mendonça*, como um dos redactores do *Ecco dos Operarios*, agradeceu o convite que o tinha chamado áquella solemnidade, e conforme a sua opinião, louvou o bello pensamento, que todos estavamos admirando.

O Sr. *Torresão* fallou com muito enthusiasmo, e dominado pelo verdadeiro zelo de ver prosperar esta sociedade, como as que citou, e que tanto honram a Allemanha.

No mesmo sentido fallaram o socio Sr. *Marques da Silva*, e o Sr. *Aragão*.

É digna de grande elogio a Direcção da Sociedade, que perfeitamente tem compreendido os deveres do seu cargo, e aqui estampamos os seus nomes, como exemplo que fique offerecido ao zelo de que tanto carecem associações similhantes: — e são: —

Gregorio Diniz Collares — latoeiro de folha branca:

Joaquim José Pereira — fabricante de seda:
João Manoel Gonçalves — luveiro.

Devemos fazer publico que toda a pompa e musica do festejo, foram gratuitas: — e que a direcção da solemnidade foi delicada e convenientemente levada a effeito pela commissão especialmente nomeada para esse fim, que foi composta dos seguintes Srs.:

Alexandre Fernandes da Fonseca.
João Manuel Gonçalves.
Antonio Maria Marques da Silva.
José Maria da Silva.
Antonio Maximo Verol.

A meza constituida pelo Sr. Chaves, Presidente, e pelos Srs. Ruy Fernandes, e Severino de Castro, Secretarios, desempenhou com muita distincção os seus deveres.

O final do festejo foi digno do pensamento da Sociedade.

Algumas filhas dos Socios, seguidas de seus parentes, offereceram a cada circumstante um ramo de flôres, e recebiam, em troca, a offerta espontanea, que a charidade de cada um lhes dava para augmentar os soccorros dos pensionistas da Sociedade.

Durante esta scena alguns socios se levantaram, declarando que, por intenção e ordem de outros ausentes, que não tinham podido concorrer, contribuiam para a charidosa acção que se estava praticando.

O Presidente findou a sessão com um improviso feliz, realçado pela commoção de alegria que todos nelle observavam. Estava a terminar os agradecimentos, que, em nome da Sociedade, tributava aos que tinham tomado parte nesta festa, quando as encarregadas de recolher as dadivas dos circumstantes, lhe entregaram a importante somma, que haviam recebido; — querendo agradecer proferiu enternecido estas palavras: — « Queria agradecer-lhes muito a acção « que acabam de praticar, mas só lhes direi. « — Deus permitta que em nenhum anniversario « da nossa Sociedade, dadivas similhantes te- « nham de accudir ao vosso infortunio! »

O maior enthusiasmo saudou o fim desta solemnidade pela primeira vez vista em Portugal.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Desejando muito que todos os artistas se possam aproveitar da Sociedade que tantos louvores merece, pelo estado prospero e seguro a que tem chegado, publicamos os seus Estatutos.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

CAPITULO I.

262 Artigo 1.° Titulo da Sociedade — ARTISTAS LISBONENSES.

Art. 2.° Os fins da Sociedade são:

§ 1.° A protecção em geral aos Socios, dando que fazer aos que o não teem, quando o fundo da Sociedade assim o permittir.

§ 2.° Alimentar todos os que por idade, molestia, ou desastre, se impossibilitarem de trabalhar. (Art. 10.°)

Art. 3.° Para ser Socio é preciso ser Artista, ter menos de quarenta e cinco annos, boa conducta, dar a joia de cinco mil réis, em cinco prestações de mil réis cada uma, e a quota de duzentos e quarenta réis por mez.

Art. 4.° O fundo da Sociedade é a joia do Socio; e a mensalidade, junta com os lucros, o fundo de despezas e beneficencia.

Art. 5.° Da quotisação se tirará uma quantia certa para as viuvas, em quanto o forem.

Art. 6.° A Sociedade vigiará pelo bem estar dos orfãos dos Socios finados.

Art. 7.° Requer-se para a admissão a Socio, que o Candidato seja proposto por escripto á Direcção por um outro Socio, notando nomes, occupações e moradas.

Art. 8.° Todo o Socio que deixar de satisfazer as prestações da joia no seu devido tempo, sem motivos attendiveis, propostos ao conselho, a Direcção lhe intimará que deve entrar com as prestações que faltarem, dentro de quinze dias, a contar da data do aviso; aliás perde o direito a ser Socio, e ao que tiver já dado.

Art. 9.° Todo o Socio que deixar de pagar as mensalidades dois mezes sem motivo justificado, fica suspenso de tirar socorros da Sociedade, e só será considerado Socio outra vez, quando pague todo o atrasado; e desse dia a um mez é que fica habilitado a tirar socorros.

Art. 10.° Todo o Socio fica habilitado a ter socorros na sua doença, logo que tenha prefeito seis mezes de quotas; e para o futuro a Assembléa estabelecerá o que se deve dar aos que se inhabilitarem, logo que o fundo da Sociedade assim o permittir.

Art. 11.° Todo o Socio póde tirar recursos da Sociedade ao juro estabelecido na tabella, sobre todo o penhor, hypotheca ou abonação idonea, ao arbitrio do conselho, segundo o praso que se estabelecer.

Art. 12.° Todo o Socio tem por dever o prestar se para os cargos da Sociedade para que fôr eleito assim como para o prompto desempenho do que se decidir em Assembléa Geral: mas não será constrangido a servir dois annos successivos,

Art. 13.° A Sociedade é administrada por uma Direcção de tres Membros, e por um Conselho deliberativo, composto dos membros da Mesa da Assembléa Geral, e de dois Socios de cada Arte (havendo-os na Sociedade).

Art. 14.° O anno economico e administrativo da Sociedade, principia em o primeiro de Julho, e finda

em o ultimo de Junho, dia em que se fecham as contas nos Livros da Sociedade.

Art. 15.° Todos os fundos da Sociedade serão depositados no Banco.

Art. 16.° As ordens ou cheques passados sobre o Banco, serão assignados por tres Directores.

Art. 17.° Logo que a Sociedade esteja legalmente constituida, os Socios se assignarão em Livro para isso destinado, com moradas e officios; e entrarão nesse acto com a primeira prestação, e as outras successivas.

Art. 18.° A Sociedade installar-se-ha logo que os Estatutos sejam approvados pelo Governo, seja qual fôr o numero de seus Socios; e para se dissolver será preciso ser approvada a proposta por dois terços dos Socios inscriptos; e elles estabelecerão a maneira de liquidar as contas.

Art. 19.° Todo o Socio terá um documento passado pela Direcção, pelo qual mostre que o é.

CAPITULO II.

Da Direcção, e Conselho Deliberativo.

Art. 20.° A Direcção é permanente, e executa as deliberações tomadas coujunctamente com o Conselho deliberativo, em cujas sessões se ventilarão todas as questões tendentes ao bom andamento e progresso da Sociedade.

Art. 21.° Além dos tres Directores haverão quatro substitutos, para entrar na fallencia de algum, e vencerá o mesmo que aquelle a quem fôr substituir. O numero de uns e outros, poderá ser alterado, conforme o tempo mostrar ser melhor.

Art. 22.° É da exclusiva attribuição da Direcção, com approvação do Conselho:

§ 1.° Administrar os fundos da Sociedade, e cogitar no seu melhor desenvolvimento.

§ 2.° Estabelecer o escriptorío e a sua escriptução, que será clara e simples.

§ 3.° Distribuir o trabalho do Escriptorio como bem lhe parecer, de maneira a facilitar o seu expediente.

§ 4.° Fazer os regulamentos internos, seus, e de todas as officinas, para o regular e uniforme andamento.

§ 5.° Nomear os empregados indispensaveis, attendendo primeiro aos Socios, em egualdade de circumstancias, e estabelecer-lhes os ordenados.

§ 6.° Empregar os Socios que se lhe apresentarem a pedir que fazer.

§ 7.° Estabelecer as officinas necessarias, e os depositos que julgar uteis, e formar tabellas dos preços das diversas empreitadas.

§ 8.° Nomear Commissões especiaes de Socios habeis, as que forem necessarias, taes como para compras, ajustes de obras, e vistorias.

§ 9.° Nomear pessoa, ou pessoas intelligentes, conhecedoras dos objectos que se apresentarem em depositos, penhor, ou hypotheca.

§ 10.° Conhecer da conducta do Socio proposto; se é ou não Artista, e com quem aprendeu, para o admittir ou não; attendendo a que de maneira alguma o deve ser o que fôr debochado em bebidas, jogo, brigante.

§ 11.° Promover, por todos os meios ao seu alcance, a extracção dos productos da Sociedade, e dos Socios que alli os depositarem para esse fim; pedindo a quem competir todas as licenças e auctorisações necessarias.

§ 12.° Propôr á Assembléa quanto se póde arbitrar aos que pedirem soccorros; isto por calculo aproximativo; e a quantia arbitrada para um, é egual para todos.

§ 13.° Verificar o Inventario e Balanço que recebe; e passar a quitação á Direcção que sahe.

Art. 23.° A Direcção dá contas todos os seis mezes impreterivelmente em os segundos Domingos de Janeiro e Julho; serão parciaes, precedidas do Relatorio do estado da Sociedade; e em Julho as Contas geraes, tambem acompanhadas de um Relatorio do estado da Sociedade, e seu andamento; e proporá os embaraços que encontrar, e o meio de vencel-os; assim como qualquer alteração que seja necessaria nos presentes Estatutos.

Art. 24.° A Direcção, todos os semestres, depois de dar contas, terá os livros patentes por oito dias, para os Socios que os quizerem examinar, o que fará publico.

Art. 25.° A Mesa da Assembléa Geral o é tambem do Conselho Deliberativo; e este se reune uma vez por mez, e delibera com a Direcção sobre todos os negocios da Sociedade; podendo em caso grave convocar a Assembléa Geral.

Art. 26.° O Conselho não tem gerencia, e só delibera: tudo se decidirá á pluralidade de votos; não devendo haver sessão sem que esteja a maioria; e o que fôr vencido poderá mandar lançar o seu voto em separado, em livro para isso destinado.

Art. 27.° Haverá livros de actas; e nelles escreverá o Secretario, tanto no do Conselho, como no da Assembléa Geral.

Art. 28.° O Conselho proporá a gratificação que devem ter os presentes Directores, e para o futuro se estabelecerá definitivamente; assim como nomeará d'entre si, todos os mezes, os que devem fiscalisar quaesquer reclamações, que se lhes apresentarem.

CAPITULO III.

Da Assembléa Geral.

Art. 29.° Assembléa Geral é a reunião de todos os Socios, á hora marcada pelos avisos prévios; e todos os que faltarem, ou não mandarem por escripto uma escusa, serão mulctados em duzentos e quarenta réis para a Caixa da Beneficencia.

Art. 30.° A Assembléa reune-se para os casos marcados nestes Estatutos, e todas as vezes que fôr necessario, ou requerido por dez Socios, dando por escripto o motivo.

Art. 31.° Todos os annos em Julho, no dia em que a Commissão do exame de Contas apresentar o seu Relatorio, ou no Domingo immediato, se procederá ás eleições seguintes: 1.° da Mesa da Assembléa Geral; 2.° da Direcção, Substitutos, e dos dois Membros de cada Arte para o Conselho Deliberativo; tudo em escrutinio secreto, á pluralidade de votos; em listas de tantos nomes duplicados quantas forem as

Artes; sendo os tres mais votados os Directores, e os quatro immediatos em votos os Substitutos. e para o Conselho se tomarão os dois mais votados de cada Arte.

CAPITULO IV.

Da Mesa da Assembléa Geral.

Art. 32.° A Mesa da Assembléa Geral compõe-se de Presidente e Vice-Presidente, dois Secretarios e dois Vice-Secretarios.

Art. 33.° A Mesa da Assembléa Geral o é tambem do Conselho Deliberativo, mas sem voto.

Art. 34.° É das attribuições da Mesa:

§ 1.° Fazer as convocações ordinarias e extraordinarias da Assembléa.

§ 2.° Quando lhe fôr requerido (Art. 30.°)

§ 3.° Fiscalisar o artigo 29.°, e dos remissos dará parte á Direcção.

Paço das Necessidades, em 18 de Janeiro de 1839. — *Antonio Fernandes Coelho.*

Está conforme. — Sala da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, 23 de Janeiro de 1851.

O Secretario
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

EXAME ESTATISTICO DO MAPPA DOS PASSAGEIROS NO RIO TÉJO.

(Publicado na pag. 196 deste Jornal.)

263 Ha quem diga, quando alguem se lembra de fallar em algum desses artigos que por ahi tenho deixado no prélo, que eu dogmatiso quando escrevo. Esta asserção, que contra mim se declina, faz-me mais honra do que eu mereço. Eu de nenhuma fórma dogmatiso, o que faço é simplesmente appresentar a deducção dos factos, onde quer que os encontro. Eis ahi a minha tarefa. Todo o meu fim, é procurar decompôr esses factos, para assim os tornar intelligiveis á comprehensão dos poucos individuos a quem por ventura vae ganhando a curiosidade de saberem intrinsecamente as alturas em que por vía desses factos, se póde vislumbrar que vae o Estado, ou esses mesmos individuos, menos desmaselados, habitam, e tem interesses.

Um desses factos, e pouco vulgares, está no *movimento de passageiros nos barcos a vapôr de* 1846 *a* 1849. Os algarismos deste mappa encerram um mundo economico a respeito de Portugal. As illações que delles se tiram são a morte, e ao mesmo tempo, os desejos de vida, que estão arcando em conflicto dentro desta nação. A morte, é a desta capital, que sendo o coração do reino, assim como são todas as capitaes para todos os reinos, tendo tido um movimento de passageiros em 1846 de (59,712 + 57, 638 + 108, 180) 225, 530, não teve passados quatro annos mais de (62,464 + 60,161 + 103,827) 226,452, ou 1,122 passageiros mais em 1849 do que em 1846, ou meio por cento em quatro annos. A tres quartos por cento devia a população ter crescido, ou tres por cento, nestes quatro annos notados de 1846 a 1849, ou seis vezes mais do que foi o movimento dos passageiros. E é preciso advertir que este mesmo movimento que tinha chegado a ser em 1846 de 225,530, baixou em 1847, a 138,842, e sendo em 1848, de 228,221, perdeu em 1849, tanto como 1.769 passageiros.

Quem é que não vê aqui agora, na opposição destas cifras as consequencias que deve ter esta diminuição de movimento, para com o incremento simultaneo da nossa capital e das nossas provincias? Todos já sabem que Londres é a capital do mundo; mas o que nem todos sabem é o seu movimento e quanto cuidam que elle é? São 600.000 individuos por dia, ou mais da quarta parte da população da metropole ingleza, quando nós não chegamos a fazer a revolução de toda a nossa de Lisboa ao anno, ou em 365 dias.

Eu não hei de dizer que Lisboa ha de ter um movimento que eguale o de Londres, mas desde uma desegualdade rasoavel, á inferioridade que nós mostramos, não irá, como digo no principio deste artigo, a morte? ¿ que ha de fazer uma cidade tão pouco frequentada e que frequenta tão pouco? Ha de fazer o que faz a nossa de Lisboa, que é morrer aos pedaços. Sem que se possa fazer uma excepção para o sul, ou para o norte, nem Lisboa conquista propriedade, no campo, nem o campo conquista propriedade na cidade. Tantos são os passageiros para Cacilhas em 1846, quantos são em 1849. O mesmo é com Valle de Zebro, Barreiro e Seixal. E virando-nos para o norte tambem lá vae a mesma dolorosa paralisia, tomando em globo todas as escalas, que naquella linha fazem os nossos vapores do Téjo.

O movimento de uma nação inteira é muito mais vagaroso, do que é o de uma cidade, nem podia deixar de ser assim. No mesmo tempo comtudo em que Lisboa se conservou estacionaria na locomoção, a Inglaterra duplicou o transporte dos seus passageiros. Eram elles 63.841,539 em 1849 ou 26 vezes a população de Londres, e em 1846, elles não compunham senão metade destes numeros. Algum vicio temos nós muito profundo na nossa existencia social para esta atonia em que minguamos, á vista do que os mais fazem. Pois nós não estaremos no caso de cultivar já que mais nada fazemos ao menos mais trigo, mais batatas, mais vinho, mais azeite, e por tanto de termos progressivamente mais necessidade de locomoção para transportar esses generos, e as pessoas, que os vendem, e que os compram! Parece que não. E todavia o contrario disso lá se descobre, como que para redempção do paiz, no mappa presente. Alli vem um signal que a estatistica vae pôr em evidencia, o qual nos diz que não devemos desesperar da nossa salvação social. Está o indicio propicio que nós saudamos no augmento que tem tido o numero de passageiros que se internam pelo canal de Azambuja até ao centro da Extremadura, e partes da Beira Beixa.

Todos os que tem andado este canal devem conhecer, que é a obra de arte no seu genero, a mais somenos que se podia construir, e os seus resultados comtudo tocam quasi um milagre. Neste canal, estão os esforços que a nação faz por viver. Neste canal está uma advertencia das instancias com que a nação pede as vias de communicação.

Em 1840, quando inda estavam na sua maior novidade os caminhos de ferro, fez o Barão de Dupin

sobre elles um relatorio ás camaras francezas em que dizia quaes tinham sido os resultados que elles tinham tido. Era o augmento que a viação tinha tido por sua causa, a seguinte:

Manchester	300 %
Darlington	380 »
Carlisle	455 »
Forfaz	900 »
Antuerpia	1,400 »

Este augmento, tem logar, não em um anno mas em alguns annos, ora o augmento do canal da Azambuja, sendo de 650 % em um só anno, segue-se que o augmento no nosso canal, é sem exemplo o maior do que ha noticia em toda a Europa, o que prova como disse, o impeto com que a população se aproveita das minimas abertas, para se estender pelo paiz.

Era para este facto que eu chamaria os nossos jornaes politicos quando desdenham dos interesses materiaes. Aqui se pode ver se elles tem ou não a primasia no conceito popular. As palavras não custam senão a escrever, apoia-las em factos é que é mais difficil. Os interesses materiaes não terão influencia, e os interesses politicos, terão todo o pezo, entretanto os primeiros neste exemplo cresceram 650 % e os segundos, e o jornalismo quantos por cento tem crescido no tempo em que aquelles 650 % se desenvolveram sem que ninguem lhes prestasse auxilio, ou bando, ou partido?

O extraordinario incremento do canal, é verdade que deu uma quebra quasi correspondente em Villa Nova. Triste é esta quebra, e ella está revelando ás nossas consciencias, a falta de estradas departamentaes, e vicinaes, assim como o estado estacionario, senão retrogrado da parte da provincia da Extremadura que circumda a capital. De outra fórma, tenho outra vez a lembrar, que devendo-se augmentar a nossa agricultura, mais deviam ser os viajantes para as cercanias de Lisboa.

Tenho por ultimo fazer uma nova e dolorosa observação sobre o custo de todas as revoluções. Eis ahi nos passageiros de 1846 para 1847, um dos effeitos que ellas produzem. Não foi nada menos, do que reduzir-se da metade a locomoção da capital. Foram 225,530, os passageiros em 1846, e passaram a ser em 1847 sómente 138,842.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A LITTERATURA.

XII

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga linguagem.
FIL. ELYSIO.

264 Fallarei neste artigo da influencia que a lingua portugueza tem recebido das linguas modernas, ou, com maior exactidão, da franceza.

Antes porém de entrar na materia, seja-me permittido citar algumas obras, que deixei de mencionar no logar competente, isto é, nos artigos em que tratei da « Historia Litteraria »; desempenhando assim a promessa que fiz de ir enchendo as lacunas que nos differentes assumptos fôr encontrando, depois de mais pausado exame.

Devem ter-se na conta de aproveitaveis subsidios para a historia da litteratura portugueza as seguintes obras:

Mémoires historiques, politiques, et littéraires, concernant le Portugal, et toutes ses dépendances; avec la Bibliothèque des écrivains et des historiens de ces états: par M. le Chevalier d'Oliveira, Gentil-Homme Portugais — Haya 1743.

A intenção do *Cavalheiro d'Oliveira* foi reunir tudo quanto os estrangeiros haviam publicado até ao seu tempo, a respeito de Portugal, quer em bem, quer em mal, fazendo do seu trabalho uma interessante collecção de curiosas noticias, que andando espalhadas por tantos livros de pouco servem. No ultimo capitulo de cada volume traz elle uma indicação de todos os auctores portuguezes e dos de todas as nações, que expressamente escreveram ácerca de Portugal, e suas possessões, com a noticia da maior parte dos manuscriptos e dos livros anonymos relativos á historia de Portugal. Esta ultima parte fornece algum subsidio para a historia da litteratura.

Noticias de Portugal. Severim de Faria. No tomo 2.°, discurso 5.°, encontram-se apontamentos sobre a historia das sciencias, e universidades de Portugal. — No tomo 3.° encontram-se noticias biographicas e criticas, ácerca de João de Barros, Diogo do Couto, e Luiz de Camões.

Bibliotheca historica de Portugal e seus dominios ultramarinos, por *Carlos Pinto de Sousa.* 1081. Lisboa.

Offerece alguns subsidios na parte da litteratura que respeita aos nossos historiadores; no demais contém muito poucas noticias.

Faria e Sousa. Epitome de las Historias Portuguezas. No tomo 2.°, parte 4.ª, cap. 18, vem um cathalogo, por ordem alphabetica, dos escritores portuguezes.

O auctor não menciona os que viviam em seu tempo, e a este respeito diz: « Callaré los que « viven, por que si bien son muchos, merecen

« pocos alabança, y la merecida es sospechosa « en quanto se vive: tiempos viendron en que « se acuerden dellos más bien cortadas plumas, « sin rezelo de que el que escrivió ignorante « pida logar entre los Cuerdos. »

Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores, como poetas, por Castilhos, Antonio e José.

Fornece esta collecção muito aproveitaveis subsidios para a historia da litteratura portugueza. Nos numeros 22, 23, 24, e 25, encontra-se uma interessantissima noticia da vida e obras de Bocage, e de muitos poetas seus contemporaneos.

———

Entremos agora na materia especial do presente artigo, isto é, *influencia da lingua franceza sobre a portugueza.*

De todas as linguas modernas é a franceza aquella de que a portugueza tem recebido maior e mais profunda influencia.

Qual é a rasão disto?

M. De Lamartine diz algures, na sua interessante « Histoire des Girondins » — « Il y avait « de plus, et il y aura toujours dans le génie « français quelque chose de plus puissant que sa « puissance, de plus lumineux que son èclat, « c'est sa chaleur, c'est sa communicabilité pé- « nétrante, c'est l'attrait qu'il ressent et qu'il « inspire en Europe. Le génie de l'Espagne de « Charles-Quint est fier et aventureux; le génie « de l'Allemagne est profond et austère; le gé- « nie de l'Anglaterre et habile est superbe; « celui de la France et aimant, est c'est là sa « force. Séductible lui-même, il séduit facile- « mente les peuples. Les autres grandes indivi- « dualités du monde des nations n'ont que leur « génie. La France, pour second génie, a son « cœur; elle le prodigue dans ses pensées, dans « ses écrits comme dans ses actes nationaux. Quand « la Providence veut qu'une idée embrase le « monde, elle l'allume dans l'âme d'un Fran- « çais. »

Pondo porém de parte esta communicabilidade do genio da França, outras rasões podem appresentar-se da influencia que a lingua portugueza tem recebido da franceza.

A lingua franceza é, desde longo tempo, uma lingua universal; por meio della se intendem individuos de differentes nações, como se entre estrangeiros servisse de interprete; desde a paz de Riswich e Nimegue está em uso entre os embaixadores, e é empregada em todas as negociações diplomaticas, como sendo muito clara, precisa, e regular; na lingua franceza está escripto quanto ha de mais interessante nos differentes ramos dos conhecimentos humanos, quanto póde ser util ou agradavel á humanidade, como elegantemente o disse o nosso Francisco Manuel:

« Não que á lingua franceza eu odio tenha,
« Que fôra absurdo em mim. Ninguem confessa
« Mais sincero o valor de seus bons livros
« De todo o bom saber patentes cofres
« De polidez e de eloquencia ornados.
« Bastara em seu louvor, se o carecêra,
« Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
« Das côrtes e dos sabios no universo.
« Conter em si ou proprio ou traduzido,
« Quanto Minerva poz no peito humano,
« As fadigas das artes, das sciencias,
« E os enfeites do flórido discurso. »

J. S. RIBEIRO.

(Continúa.)

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSE.

SENHORES.

265 « Faz hoje 12 annos que 19 homens, reunidos por sympathica identidade de principios, movidos por um sentimento commum de ardente amor dos seus similhantes, conceberam e fundaram uma Sociedade, unica pela sua indole, organisação, e alcance em respeito á classe para que foi fundada.

« Faz hoje 12 annos que 19 artistas, guiados e conduzidos, pelo instincto previdente, — esse apanagio por Deus concedido ao homem do Povo, — disseram: « está installada *A Sociedade dos Artistas Lisbonenses.* »

« Quando a idéa social, a grande questão do seculo em que vivemos, — e que fará, talvez, a sua gloria, — apenas se manisfestava a medo, cercada com todo o apparato da sciencia, só expressada por genios não vulgares, enunciada em linguagem inintelligivel ao Povo; quando essa idéa, era apenas tentativa de um systema esboçado por grandes talentos, nós, o Povo, a quem estranhos orgulhosos e injustos tem duvidado conceder diploma de civilisado, nós, a classe a quem querem negar os foros da intelligencia, não só comprehendemos a grande idéa, mas a partilhámos, tentando realisal-a, como realisamos, em algumas das suas infinitas e transcendentes applicações.

« A semente social trasida pela aura da civilisação, cahindo no nosso solo, não só ahi fecundou, mas floreceu, e deu saborosos fructos: a prova desta verdade é a existencia da Sociedade cujo anniversario hoje solemnisamos.

« Pensamento de um homem, communicado a outro homem, e deste a outros, nutrido, partilhado e aceito, tal foi a creação de uma Sociedade, que, começando por 19, conta hoje 385 Socios.

«Pobre e desvalida no seu nascimento nem um tecto teve para abrigar-se, senão o que lhe cedeu coração generoso de homem a ella estranho: errante por largo tempo, póde pela perseverança de seus sacrificios, pela crença intima e profunda de seu glorioso futuro, remover e destruir todos os embaraços que lhe oppunham a intriga e a desconfiança; seis mezes depois da sua installação, já discutia em casa paga pelos seus reditos, e provava por contas publicas a existencia de um capital de 63$130 rs., não contando ainda 50 Socios!

«Proseguindo em sua marcha prudente e cautelosa, mas energica e decidida, fizeram convergir todos os seus esforços para o fim de remediarem os mais instantes males, que affligissem os seus irmãos de trabalho: a doença, a viuvez, a orfandade e a inhabilidade, foram as necessidades a que primeiro attingiram — Deus protegeu tão charidoso desejo, e recompensou tão sublime afan. Quando o flagello da doença tocou o primeiro Socio, não recorreu em vão á Sociedade; alli achou o cumprimento das solemnes promessas contidas em seus Estatutos: o cofre da Sociedade foi aberto, e promptos soccorros foram ministrados ao operario privado de trabalhar pela doença. Desde então até hoje tem a Sociedade consumido com os seus Socios doentes a quantia de 1:922$300 réis. Chamo a vossa attenção sobre um facto de summa importancia: entre os Socios que temos soccorrido, encontra-se um, a quem um infeliz destino privou da vista; com este Socio tem a Sociedade despendido, entre soccorros na doença, e subsidio na inhabilidade, a quantia de 348$400 réis! Qual de nós, pobres operarios, onerado de familia e cercado de numerosos encargos com um trabalho eventual, poderia juntar tamanha quantia para nos servir em tempo de adversidade!...

«Não é este o unico Socio, a quem a idade ou a doença tem impossibilitado de trabalhar, e que a Associação tem acudido a adoçar sua infeliz sorte; já conta dois, e com elles tem desembolsado a quantia de 304$200 réis.

«A viuvez, esse estado horrivel, pela acerba saudade, pelas privações, pelo desamparo, tem sido contemplado por vós com toda a sollicitude: se não tendes podido enxugar todo o pranto á desolada viuva do vosso socio, tendes ao menos mitigado a sua dôr, enviando-lhe todos os mezes uma pensão, que, ainda que modica, lhe diminue algumas privações, e lhe dá a consoladora noticia, que no seu desamparo ainda tem quem velle por ella! Apesar de pequenas as quantias que a Sociedade despende com as viuvas de seus Socios, tem-se, ainda assim, gasto com ellas a somma de 688$120 réis, tendo uma d'entre ellas recebido 109$200 réis! Chamo de novo a vossa attenção sobre esta cifra, e dizei-me, se o pobre operario, tal como foi o esposo desta viuva, poderia, pelo trabalho de polidor, accumular para depois da sua morte, tal peculio, e com tal applicação!

«Entre os differentes soccorros que prestâmos, não devem esquecer aquelles que são destinados para a educação dos orphãos dos nossos Socios finados. Uma tão importante necessidade não podia deixar de merecer a mais seria attenção dos nossos socios fundadores; o seu desejo tem sido satisfeito, senão com a extensão que demanda tão transcendente assumpto, ao menos com a boa vontade, e com o auxilio da quantia de 102$880 réis que temos despendido com o ensino dos orphãos, que actualmente existem.

«Senhores! Terminando o meu resumido e imperfeito relatorio, tenho a satisfação de vos recordar, e pedir que mediteis, qual o valor de uma Sociedade, que no 1.º semestre da sua existencia, contava apenas um capital de 63$130 réis (capital negativo, por quanto a sua despeza, que ainda não estava paga naquella epocha, montava a 88$000 réis) e que atravessando os tempos, e os obstaculos, conseguiu recolher até ao fim de Dezembro de 1850 a quantia de 7:279$380 réis, e tendo fiel e religiosamente cumprido todos os seus encargos e deveres, póde conseguir um saldo até á mesma épocha de 3:088$417 réis.

«Permitti, Senhores, que em tão fausto dia me congratule comvosco, e vos diga: tendes riscado grandiosa traça, e levantado sumptuoso edificio; não julgueis que se vos acabou a obra, ainda tendes maior tarefa a satisfazer, o edificio que tendes levantado está imperfeito, falta-lhe uma parte, que confio concluireis, assim como acabastes a primeira.

«Tendes soccorrido os doentes, enxugado as lagrimas á viuva, amparado o inhabilitado, educado o orphão, agora resta tractar de nós, da nossa classe, resta por novas concepções, não só garantir os soccorros que já damos, mas crear novos capitaes, dar-lhes proveitosa applicação, e desenvolvimento industrial. São muitas as necessidades que temos a remediar, porém confio, que lhes dareis remedio, como já tendes dado ás primeiras de que vos occupastes. Deus, que nos tem protegido, nos protegerá, e nós poderemos um dia dizer, cheios de nobre ufania: está concluida a nossa tarefa, legando a nossos filhos, sazonados fructos do nosso trabalho, que será por elles abençoado fazendo a nossa gloria.»

DISCURSO DO SR. VIEIRA JUNIOR.

SENHORES:

265 «Honrados pelo vosso convite, permitti, que em nome da redacção do *Ecco dos Operarios*, vos agradeça, e como um dos redactores daquella folha, ouse juntar ao vosso jubilo em dia tão festivo, uma demonstração, pequena e pobre, mas grande pela intenção sincera que a anima, em que patenteâmos o goso que trasborda em nossos peitos, no momento solemne do vosso anniversario.

«¡O que hoje aqui se pratica não é uma festa de ostentosa pompa, em que os cantos dilatam a alma, pela suavidade das harmonias! ¡Não é uma solemnidade com todo o apparato ruidoso de uma grande cidade! ¡Não é um festim, rico de galas, faustuoso de custosos ornatos, e soberbo de pezadas equipagens! ¡Não é um banquete, em que se contem por excesso de magnificencia, o numero dos convivas, e seu brilhantismo, e o variado e esmerado gosto das iguarias! É muito mais do que isto, porque participa de todas essas grandezas, sem o vaidoso de cada uma dellas. É festa pomposa, porque uma sociedade formada por poucos, á custa de fadigas, penosos sacrificios e honrosas dedicações, póde constituir-se, e fundar um fu-

turo, que só a mão caprichosa do destino poderá destruir. É solemnidade apparatosa porque é o 12.º anniversario da *Sociedade dos Artistas Lisbonenses* — e este nome resume em si todo o apanagio, que as vicissitudes do mundo costumam dar, mas que esta classe pela excellencia dos misteres, que seus socios occupam, não póde perder. É festim soberbo porque nelle os velhos de veneraveis cãs, e os moços ainda imberbes, estendem os braços, osculam-se, e apertam as mãos callosas, mas fraternalmente unidas pelos laços indissoluveis que cria e mantem o trabalho. É banquete soberbo, porque os seus convidados são as viuvas, os orphãos, e os inhabilitados, a quem vós dispensaes essas iguarias, não com o orgulho de muitos poderosos, mas com a singeleza e caridade evangelica que orna o coração de um artista, de um operario! Pensamento sublime e grandioso, que só por si eternisará esta associação, que no dia do seu anniversario, convida para o banquete solemnisador aquelles que foram companheiros muito queridos, de quem outr'ora tomou parte nas lides e combates do instituir e fundar tão proficiente sociedade! Perdoai, senhores, o demorar-me neste ponto, e cançar talvez a vossa attenção, mas eu extasio-me diante delle, quando vejo artistas militantes do trabalho soccorrendo com mão larga e generosa os invalidos, os abandonados e esquecidos do mundo, porque a lei suprema da humanidade, chamou aos seus altos juizos, aquelles que os protegiam, mas que vós tão dignamente procuraes substituir.

« Deixae-me agora, senhores, o apontar-vos aqui um facto que vem como auxilio ao que ha pouco dissemos. Ainda não ha muito tempo — era na sala do Risco — a industria portugueza ostentava alli sumptuosamente o quanto podia, e mostrava a estrangeiros mordazes, e a nacionaes descridos, que a intelligencia industrial não nos falleceu por entre os brios de guerreiros.

« Em todo aquelle vasto recinto, desde o pavimento atê ao tecto, centenares de objectos, e por elles milhares de vozes, estavam bradando e dizendo, que se se estendesse braço robusto e forte á industria do paiz, ella poderia campear altiva e orgulhosa ao lado de mais de uma rival, que hoje a escarnece e vilipendeia.

« Aquella verdadeira festa do trabalho, havia acabado por um acto, que nunca será esquecido, e que foi um monumento de phylantropia, elevado a seus auctores. Tinha-se feito uma exposição philantropica a favor das Casas d'Asylo da Infancia Desvalida, e do Asylo da Mendicidade.

« A exposição estava a findar — era o ultimo dia deste banquete dos desgraçados — um domingo — a sala estava cheia de visitantes, de repente proximo á porta da entrada, sentem-se uns cantos harmoniosos, vozes saídas de peitos ainda infantis, cantavam, ou antes resavam, com tão suave harmonia, que vos dirieis em saudoso ermo, chamado por canticos matutinos ao louvar do Senhor, em Mosteiro de Virgens. Eram as creancinhas dos Asylos de Infancia, com as bandeiras das suas differentes eschólas, que precediam uma fileira de homens e mulheres, com suas roupagens novas do Asylo de Mendicidade.

« Esta respeitosa procissão, deu volta por toda a sala, indo juntos e unidos, aquelles que tão separados estavam, uns tão proximos do berço, em que começa a desenvolver-se a vida, outros tão perto da sepultura em que ella acaba; mas todos reunidos pelo mesmo infortunio — as desgraças inherentes ao trabalho. Quantos d'aquelles velhos, se não teriam encanecido ao som da lima, do serrote, ou do martello? Quantas creanças não seriam um obstaculo penosissimo á vida dos operarios, que a falta de forças, mal comportavam já o ganhar pão para si?!...

« As lagrimas corriam dos olhos de quasi todos os circumstantes. ¡Só preversos o não fariam! Então de nós, e talvez de muitos outros, se assenhorearam estas idéas: se em Portugal, que, graças ao nosso sólo, o pauperismo, é sciencia, que ainda não precisa serios estudos, as associações de caridade se tivessem dissiminado pela população, não estariam amparados tantos decrepitos! Não se teria livrado tanto artista benemerito á enxerga do Hospital, á tarimba mortuaria da Misericordia! Se nos nossos centros fabrís, tivessemos instituido as *crèches*, isto é, uns *presepios* (servindo-nos da traducção mui appropriada do nosso amigo o Sr. *Nogueira*), onde as creancinhas são entregues a mulheres zelosas e caritativas, que lhes ministram alimentos, e todos os cuidados maternos, em quanto seus paes, operarios, vão trabalhar — se instituição tão util que em França produziu, e foi recebida com geral enthusiasmo, havendo no fim de Julho de 1846 vinte *crèches* em Pariz e seus arredores, e nos Departamentos mais de cem, de que eram protectores, sem distincção todas as classes da França — se no nosso paiz, repetimos, se tivesse aclimatado tão bella idéa, não se teria livrado tanta creança, que seus paes abandonam nas ruas, expostas a todos os vicios, á corrupção, e consequencia necessaria, ao crime?!

« Estas lembranças e muitas outras de salvação, e protecção á miseria, eu as vejo consubstanciadas no pensamento grandioso que preside a esta festa anniversaria! Dar-vos os parabens, os emboras, que vós mereceis, não o posso eu fazer, porque as vozes e as saudações expiram-me nos labios, de envolta com as lagrimas que a alegria tambem produz. Mas ainda por ultimo, dir-vos-hei: — Artistas, a associação é o pensamento do seculo: os seus beneficios, vós, mais que quaesquer outros, os conheceis, e se preservardes, como não ha que duvidar das vossas intenções, no augmento desta Sociedade, serão incalculaveis os bens que o paiz terá que dever á vossa Associação. E no futuro a *Sociedade dos Artistas Lisbonenses* será um padrão de gloria, só merecedor de louvor, louvor que eu operario já lhe tributo, e comigo a Redacção do *Ecco dos Operarios.* »

NOTICIAS E COMMERCIO.

CONGRESSO DA PAZ.

(Continuado de pag. 240.)

267 Abriu-se o debate sobre a primeira these proposta pela commissão de organisação, e que foi approvada nestes termos.

« O congresso dos amigos da paz universal, reunido

em Francfort sobre o Meno, nos dias 22, 23 e 24 de Agosto de 1850, reconhece que sendo o recurso ás armas condemnado pela religião ,a moral, a rasão e a humanidade, é um dever adoptar providencias condu centes á abolição da guerra. O congresso recommenda a todos os seus membros, que trabalhem nos seus respectivos paizes, por fazer desapparecer, mediante melhor educação da mocidade e as instrucções do pulpito, da tribuna, e da imprensa, os odios hereditarios e as preoccupações politicas e commerciaes que tem sido quasi sempre causa das guerras mais desastrosas.»

MM. Burnett, de Cormenin, o reverendo Garnet e Emile de Girardin, tomaram a palavra sobre este voto.

O reverendo Burnett é o orador expressivo e original que foi applaudido em Paris, em cuja eloquencia dá-se a notavel qualidade de conservar, attenta e satisfeita, até aquella parte do auditorio que não o comprehende.

M. Bonnet, de Francfort, desenvolveu n'um discurso francez a idéa complexa de paz e humanidade, e combateu a preoccupação que pertende que existe uma moral para os individuos, e outra para os estados.

O orador recordou o exemplo do illustre Penn que soube estabelecer os seus companheiros nos Estados-Unidos sem fazer guerra aos indios, e concluiu com as palavras de Luiz Filippe respondendo a M. de Larochefoucault por occasião do primeiro congresso. — «Estou convencido que virá tempo em que não haverá mais guerras.

M. de Cormenin leu uma breve allocução em francez escripta com a mesma penna que o tem feito escriptor popular. — «Alcunham-nos (disse) de visionarios e até de um tanto loucos: embora. Se a paz é uma utopia, é utopia como a virtude, a justiça, a humanidade, que val certamente mais que a da guerra. Se val mais cumpre dizel-o, repetil-o ás populações, aos operarios, aos camponezes, que pagam aquelle absurdo com seu sangue e seu dinheiro. É mister, replicais, uma guerra ultima e a valer para conquistar a liberdade. Ultima! — mas a historia demonstra que sempre se renova, e que a liberdade é sempre sua victima.»

A M. de Cormenin seguiu-se M. Garnett de Novalork, que foi attentamente ouvido. Á vista deste antigo escravo, hoje ministro do evangelho, lavrou grande enthusiasmo na assembléa.

Teve depois a palavra M. de Girardin, que foi acolhido com mui fervorosas demonstrações de estimação. Neste seu primeiro discurso o orador desenvolveu a idéa de que o progresso das sciencias e industria, e das vias de communicação conduz á *unidade* dos povos, isto é, á uniformidade dos impostos, á liberdade das permutações, á abolição da escravatura, ao respeito pela vida humana, á abolição dos exercitos permanentes, o que vem a ser as condições da paz universal.

Fallando mais alguns membros tambem nesta primeira sessão se approvou a seguinte resolução segunda.

« O congresso assenta que o meio mais efficaz de manter a paz séria submetterem os governos a um arbitramento as desintelligencias que não podessem compôr amigavelmente.»

M. Visschers, conselheiro de estado da Belgica, tendo levado á evidencia quanto é racional o louvamento e que não póde ser refutado em theoria. examinou o assumpto no tocante á pratica, attendendo assim ao actual estado da Europa como ao futuro. Pelo que respeita ao presente citou os congressos convocados nos ultimos cincoenta annos para ajustar amigavelmente os negocios das nações, mencionando especialmente á Belgica, cuja existencia foi fundada pelo arbitramento, a Belgica tranquilla e prospera no meio das agitações contemporaneas. Quanto ao futuro, mostrou a formação das nacionalidades, depois a reunião destas em confederações que extinguirão os antigos odios, estabelecerão a egualdade dos povos, associarão os interesses e os organisaram de modo que as suas disputas não poderão ser resolvidas senão por louvamento de arbitros. Terminou lembrando aos allemães que o seu mais celebre philosopho, Kant, escreveu sobre a paz perpetua, que os seus grandes poetas, Goethe e Schiller, saudaram tambem a paz como a esperança do porvir.

M. Beck, conselheiro de Hesse-Darmstadt, citou trechos de um escripto seu, relativo ao assumpto em discussão; fallando da composição do tribunal de arbitros, emittiu o pensamento de que metade dos membros devia ser nomeada pelo governo e metade pelas dietas.

M. de Girardin fortaleceu as idéas do arbitramento, da renunciação de appellar para a força pela appellação á justiça, e que um dia os povos lá chegarão mediante uma assembléa universal dos delegados de todas as nações, que sejam representadas nella em relação á população.

Succedeu-lhe um jornalista allemão, M. Maurer, que procurou muitas vezes, apezar dos esforços do presidente para o chamar ao assumpto, fugir pela tangente, e agradar ao publico das galerias lançando-se nas questões especiaes e do gosto da democracia allemã. — O professor Cleveland leu uma mensagem dos cidadãos de Philadelphia; e M. Cobden encerrou a sessão com um improviso em que mostrou muito juizo prudencial e tacto politico. Em substancia, exprimiu-se deste modo. — «Diremos aos diplomatas e aos governos; quando tendes esgotado todos os meios, antes de recorrer á decisão pelas armas, dirigi-vos a um jury intelligente, capaz de discernir a rasão e a justiça. Reconheceis bom este principio para os individuos; applicai-o, pois, ás nações em todos os casos e sem excepção. Não é necessario haver um tribunal installado para affiançar em todas as occasiões os meios do arbitramento: — quando os diplomatas se virem obrigados a inrerromper as suas relações, os governos, em vez de peleijarem, appellem para os homens eminentes, taes como os Humboldt, os Bankroft, e sollicitem seus pareceres sobre essas questões de etiqueta ou sobre essas disputas relativas a alguns milhares de libras esterlinas, que são as que de ordinario vemos debater.

M. Cobden fez muitas allusões aos ultimos acontecimentos e ás discussões que se suscitaram no recinto do Parlamento. Como progresso das idéas a que se dedica, citou a proposta, feita e não sem exito ao parlamento e á camara dos lords, de um jury composto metade de inglezes e metade estrangeiros para examinar as desintelligencias antes que a Inglaterra se empenhasse na via das armas.

A segunda sessão do congresso foi consagrada á questão dos armamentos das potencias e á dos emprestimos publicos. Sobre os armamentos emittiu o seguinte voto :

« O Congresso pensa que os exercitos permanentes com que os governos da Europa se ameaçam reciprocamente, impõe a todos os povos encargos pezadissimos e lhes attrahem inumeraveis calamidades : entende, pois, que toda a diligencia é pouca para convidar os governos a attender á necessidade de obter-se um desarmamento internacional sem prejuizo das providencias que se julgarem necessarias em cada paiz para manter a segurança dos cidadãos e a tranquillidade do estado. »

Fallou primeiro M. Ch. Hindley, membro do parlamento inglez, na sua lingua, empenhando-se em fazer realçar a superioridade dos interesses geraes da humanidade sobre os interesses particulares dos povos e mesmo sobre os da confederação allemã. M. Stein, rabino de Francfort, n'uma allocução em allemão, assás imaginosa e muito applaudida das galerias, reconhecendo que as tendencias da assembléa são o começo do cumprimento das promessas do Antigo Testamento, defende o intuito patriotico e nacional, e por isso não presume favoravel o actual momento para propagar na Allemanha as propostas do Congresso; com tudo acredita que o povo das idéas, a nação dos pensadores não tardarão a ser accessiveis áquellas grandes verdades.

M. Joseph Garnier, que depois tomou a palavra em francez, fez primeiramente a enumeração das causas da guerra, que em seu entender são : — os interesses religiosos, os interessea das familias reinantes, os interesses economicos dos povos, os grandes armamentos.

(Continúa).

BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DE HISPANHA por *Charles Romey.*

268 O desejo de sermos util á Patria, publicando a historia d'uma nação, a que tantos interesses portuguezes se acham ligados, moveu-nos, ha annos, a começar a versão desta obra, utilissima e necessaria a Portugal. Os elogios, que o auctor della tem merecido em todos os paizes, provam de sobejo que, apesar de francez, escreveu primorosamente a historia geral de Hespanha, e, tanto isto é assim, que, nem os lttteratos hispanhoes se atrevem a negal-o, antes o elogiam, como faz, entre outros, Dom Modesto Lafuente na sua modernissima *historia geral de Hispanha* a paginas XIV do seu prologo.

Alguns dos nossos distinctos litteratos, e muitas outras pessoas, tem instado comnosco, para reduzir o preço da edição em 4.°, que estamos dando á luz. Não o podemos fazer; mas para lhes mostrar quanto apreciamos o seu conselho, ahi vamos tentar a publicação de outra edição em 8.° francez, que conterá tantos volumes como a de 4.°, e que sahirá tão barata que custará a obra completa em portuguez menos 2$400 réis que o seu preço em francez.

PREÇOS DA EDIÇÃO EM 8.°

Folha	10 réis.
Estampa	30 réis.
Volume brochado	400 »

O nosso compromisso, aquelle a que nos obrigamos, é (logo que tenhamos reunido numero sufficiente de assignaturas) dar uma impressão nitida, bom papel, e publicarmos quatro até seis volumes por anno : quanto a traducção nada diremos, ahi estão publicados quasi sete volumes da edição em 4.°, para a patentearem. Escusado é dizermos que todas as mais condições deste prospecto serão escrupulusamente cumpridas.

Damos uma assignatura gratis por cada seis assignaturas realisadas.

Uns volumes terão duas estampas, outros uma, outros nenhuma; todos porém serão illustrados com vinhetas nos frontespicios, letras de fantasia etc. etc.

Esta obra para as provincias só é remettida aos volumes, onde cada volume custa mais vinte réis por causa dos portes.

Não recebemos dinheiro algum adiantado; exigimos, comtudo, prompto pagamento á vista da recepção de cada um volume

PARA OS SRS. ASSIGNANTES DA EDIÇÃO EM 4.° LEREM.

A edição em 4.°, que estamos publicando, continua pelos mesmos preços, e modo que actualmente, até que comece a sair á luz a edição em 8.° francez, e logo que esta principie passa a edição de 4.° a ser distribuida (tão somente aos actuaes assignantes, e a ninguem mais) pelo mesmo preço, que a edição em 8.°, isto é, a dez réis a folha, trinta réis a estampa, e quatrocentos réis o volume.

Todo e qualquer sr. assignante antigo, que tenha deixado ou deixe de continuar a obra, e quizer gosar das vantagens marcadas, deve, antes de começar a edição em 8.°, receber e pagar tudo que lhe falte; por que não o fazendo a tempo só poderá receber a edição em 4.° a volumes, e pelo preço fixo de 600 réis por volume.

Necessitamos de socios correspondentes em muitas terras do reino : as pessoas, que nesta qualidade nos queiram honrar, terão em troca do seu trabalho dez por cento das assignaturas, que distribuirem, ou um exemplar da obra gratis, e no caso de terem angariado cópia de assignaturas terão nesta cidade pessoa, que gratuitamente lhes dirija todos os negocios, quer sejam particulares, forenses, ou commerciaes, quer do Thesouro Publico, ou das Secretarias de Estado.

Toda a correspondencia é remettida a Lisboa, rua direita dos Anjos, n.° 58, a Antonio Urbano Pereira de Castro. Advertimos que não recebemos carta alguma de Lisboa pelo correio sem vir franqueada.

RECEBEM-SE ASSIGNATURAS

Lisboa, rua Augusta n.° 1, 8, e 188; — Porto, largo de St.° Ildefonso n.° 32 e 33, Sr. Emygdio José d'Almeida : — Braga, rua Nova n.° 3, Sr. José Maria Dias da Costa, e rua do Souto, casa do Sr. Luiz do Amaral Ferreira : — Coimbra, rua das Covas, Sr. José de Mesquita; — Evora, Sr. José Joaquim Ramos.